

APRESENTAÇÃO

EDUCAÇÃO E MÍDIAS IMAGÉTICAS

Hylío Laganá Fernandes – UFSCar-Sorocaba*
Maria Aparecida Alves da Silva - SEESP**

Imagens estáticas nos livros didáticos, imagens dinâmicas do cinema e audiovisuais, imagens que provocam estudantes em sala de aula: fotografias, desenhos, vídeos... as mídias visuais inundam o cotidiano das pessoas e também as salas de aula, desde sua consagrada presença em livros didáticos, na forma de ilustrações diversas (fotográficas ou não), até atividades propostas pelos professores, que lançam mão das atuais tecnologias digitais para exibição e produção de material audiovisual (fotografias e vídeos), ou mesmo a criatividade de recortar/colar/desenhar para produção de material em papel, promovendo processos criativos e desvelando percepções dos estudantes. O conjunto de trabalhos aqui apresentado visa transitar pelo universo das linguagens imagéticas no contexto escolar, em diversos níveis, diferentes mídias e dinâmicas, na intenção de oferecer um pequeno panorama de possibilidades educativas.

No artigo “Imagens em livros didáticos de ciências e as orientações do Programa Nacional do Livro Didático”, que abre esse dossiê, as professoras Lucia Helena Pralon de Souza e Sheila Cristina Ribeiro Rego, apresentam um meticuloso levantamento dos Guias de Livros Didático e dos Editais de Convocação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), evidenciando a ausência ou carência de detalhes quanto aos critérios adotados na análise do material imagético, o que revela o pouco reconhecimento atribuído ao valor pedagógico das imagens nos processos educativos. As autoras apontam a necessidade de elaborar indicadores que considerem, por um lado, possibilidades na variedade das imagens utilizadas (desenhos, fotografias, pinturas, infográficos, tabelas), mas principalmente questionam a representatividade da população brasileira nessas imagens (mulheres, afrodescendentes, indígenas), levantando a questão de quais sentidos estariam sendo construídos a partir das representações imagéticas atualmente presentes nos livros didáticos.

O seguinte artigo apresentado, “Fotografias da relação ser humano-natureza nos cadernos de ciências do programa São Paulo faz Escola”, as professoras Náyra Rafaéla Vido e Dalva Maria Bianchini Bonotto, analisam as imagens presentes nos cadernos utilizados em escolas estaduais paulistas, focando sua análise nas fotografias que explicitam a relação humanos-natureza, na perspectiva de compreender o potencial do papel formativo dessas imagens para uma Educação Ambiental Crítica. Partem do pressuposto que a imagem fotográfica pode sensibilizar o sujeito a despertar o interesse pelas questões ambientais e contribuir, assim, para a construção de novos valores, constituindo uma possibilidade transformadora. Os resultados apontam que as fotografias apresentam uma visão utilitarista e antropocêntrica, que implica na ideia da natureza entendida como recurso a ser utilizado pela humanidade. Evidencia-se, ainda, que nas imagens apresentadas são eclipsados os impactos ambientais decorrentes dessa exploração utilitarista, passando a ideia de que as atividades exploratórias podem conviver harmonicamente com a natureza. Tais resultados nos remetem ao questionamento apresentado no primeiro artigo: quais sentidos estariam sendo construídos a partir das representações imagéticas atualmente presentes nesses livros?

Ainda focando nas mensagens veiculadas pelas imagens nos Livros Didáticos, no terceiro artigo deste dossiê Lucia de Fátima Dinelli Estevinho e Daniela Franco Carvalho investigaram as setas, que são amplamente utilizadas em coleções didáticas de ciências e biologia, discutindo como estes objetos imagéticos podem, de uma maneira bastante sutil, reforçar a ideia de uma ciência finalista. Para onde as setas apontam? O que indicam? São algumas das questões colocadas pelas autoras, que transitam pela produção de sentidos que as setas podem provocar, e que podem induzir a compreensão de uma determinada ciência. Também aqui se evidencia uma preocupação sobre quais sentidos podem estar sendo criados a partir das imagens veiculadas nos livros, cuja decodificação pode escapar

* Doutor em Educação, professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE). E-mail: hyliolafer@gmail.com.

**Mestre em Educação (UFSCar-So). Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Docente da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo. E mail: mari_alvis@hotmail.com.

subversivamente aos próprios objetivos pensados pelos seus autores, porém nunca é isenta, e merece uma análise atenta.

Considerando a mídia fotográfica, não desde a posição estática do livro didático, mas como um elemento capaz de suscitar reflexões e levantar percepções, seguem na sequência deste dossiê dois artigos: o primeiro de Wendy Stefani Cristine da Silva e Dayane Cristina Russi e o segundo de Bianca Araci de Figueiredo, ambos orientados por Hylio Laganá Fernandes. Em ambos foram utilizadas fotografias para levantar as percepções de jovens na escola acerca de relações de poder pautadas no machismo: o primeiro para entender como os jovens enxergam a vulnerabilidade da mulher, e o segundo explorando como as concepções sexistas introjetadas pelos jovens interferem na preferência por disciplinas escolares e conseqüentemente na futura escolha profissional. As imagens fotográficas permitem, nesses dois trabalhos, que as percepções dos estudantes possam emergir (um pouco mais) livres que as amarras da linguagem escrita/verbal, mais racional, tendem a aprisionar, permitindo uma compreensão mais acurada dessas percepções.

Wendy Stefani Cristine da Silva e Dayane Cristina Russi, no trabalho “Percepções de imagens da vulnerabilidade da mulher por estudantes do ensino médio”, realizaram uma pesquisa em uma escola estadual da cidade de Sorocaba/SP, com alunos do ensino médio (15-18 anos), com o objetivo de conhecer as percepções de meninas e meninos relacionadas à vulnerabilidade da mulher a partir de imagens fotográficas. Consideram o conceito de vulnerabilidade como abarcando as condições de vida e possibilidades de uma pessoa ou grupo que refletem sobre o acesso às redes de serviço do Estado (educação, saúde, cultura/lazer, formação profissional). No contexto de uma cultura hegemônica marcada pelo machismo, desde crianças meninos e meninas são conduzidos a uma construção desigual quanto aos papéis de gênero: os resultados apontam a alienação desses alunos com relação a vulnerabilidade da mulher, explicitado num comportamento, inclusive, não restrito aos homens, mas também às mulheres que endossam pressupostos machistas.

Bianca Araci de Figueiredo, com o trabalho “Segregação horizontal: um desafio para a educação de mulheres” investigou percepções e interesses de meninas e meninos sobre as disciplinas escolares, utilizando imagens e questionário, em uma escola no interior do Brasil, com estudantes entre 15 e 18 anos. Os resultados sugerem que a cultura escolar reforça uma visão heteronormativa e sexista, reproduzindo uma lógica de segregação que estimula meninos para as exatas e meninas para humanas, saúde e educação, estimulando “preferências” e habilidades diferentes em razão do sexo biológico.

Ainda considerando a mídia fotografia, mas invertendo o papel dos alunos como leitores de imagens, Suzana Feldens Schwertner e Angélica Vier Munhoz, apresentam a proposta de produção de imagens fotográficas pelos estudantes de ensino básico, e discutem no trabalho “Fotografias na escola: discursos de jovens estudantes” funções da escola na contemporaneidade segundo a visão desses alunos. Com um delineamento metodológico de investigação envolvendo grupos focais e foto elicitação realizaram encontros em duas instituições, uma de ensino público e outra de ensino privado; em cada encontro foi realizada produção de fotografias pelos alunos e debate coletivo sobre as imagens. Percebeu-se a importância da escola e a valorização dos colegas no processo de aprender dos estudantes, voltando o olhar para as articulações equilibradas entre produção de conhecimento e relações de amizade.

No esteio das produções imagéticas pelos estudantes, neste trabalho focando o ensino superior, Ana Lara Silva de Deus e Valeska Maria Fortes de Oliveira discutem a produção de audiovisuais no trabalho “Cotidiano, cinema e formação: produções audiovisuais no curso de pedagogia” realizado a partir de uma experiência no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria. Essa experiência formativa evidenciou que a educação pode reconfigurar-se com a possibilidade do cinema no ambiente universitário, ao permitir uma brecha na formação docente para experiências criativas e estéticas, provocando o próprio processo formativo e instituindo novas formas de ser e estar em sala de aula. Esse processo ocorre ao compreender que a aprendizagem da linguagem audiovisual pode trazer outros desafios outras possibilidades educativas, para o currículo da formação inicial de professores.

Também na Universidade Federal de Santa Maria, Carmem Silvia Rodrigues Pereira colabora com o artigo “Um Tempo Onde a Ficção, o Cinema e o Imaginário se encontram”, tendo como objetivo compreender o Imaginário Social e o Cinema como dispositivos para propiciar a formação de professores, através de um espaço de criação a partir do filme “O Tempo e o Vento” dirigido por Jayme Monjardim (2013), que narra a história do primeiro livro da saga de Érico Veríssimo. O tempo e seus movimentos, suas cirandas, vida que se reveste de cores e estações, que nos convida a celebrar o

específico de cada motivo. Um filme baseado num grande clássico da literatura nacional, que apesar de ser uma obra já bastante conhecida e consagrada no cenário brasileiro, permite a invenção e (re)significação a partir das possibilidades fílmicas desenvolvidas nesse trabalho.

Como alternativa às mídias digitais associadas à fotografia e vídeo, bastante exploradas nos artigos precedentes, Maria Aparecida Alves da Silva apresenta possibilidades da produção com papel, desenhos e colagens, na perspectiva do Fanzine em seu trabalho "Produção de fanzine para formação docente". As reflexões acontecem sobre práticas que envolvem a criatividade expressiva como uma forma de enriquecer a formação do professor que busca propostas educativas que possibilitam inovações, estimulem e sejam facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Os resultados apresentaram-se bastante positivos: todos os participantes produziram seu fanzine e relataram como isso favoreceu o exercício da criatividade, contribuindo de maneira significativa para refletir sobre práticas educativas que valorizem a criatividade em sala de aula.